

## DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

# SER MULHER: A REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA E A LOUCURA EM *O LIMIAR* DE SUSAN GLASPELL

Lucianne Christina Fasolo Normândia Moreira  
lucianne.christina@gmail.com

Mestre em Letras

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Miriam Adelman

Programa de Pós-graduação em Letras

Área de concentração: Estudos Literários

Defesa em: 06 de julho de 2017

PALAVRAS-CHAVE: teatro, literatura norte-americana, insanidade, feminismo.

Este trabalho apresenta uma análise da peça *O Limiar*, da escritora norte-americana Susan Glaspell. A peça foi escolhida como objeto de estudo primeiramente por sua relevância: Glaspell foi uma importante dramaturga estadunidense, embora não muito estudada, e *O Limiar* é considerada uma de suas obras mais complexas. Escrita em 1921, esta peça inovadora e experimental causou escândalo quando produzida e dividiu a crítica: foi tanto considerada brilhante quanto incompreensível. Evidentemente, a iniciativa do trabalho também passou por um desejo de tornar Susan Glaspell e seu teatro mais conhecidos no Brasil, onde ainda é praticamente desconhecida.

O enredo de *O Limiar* é relativamente simples (GAINOR, 2007, p. 143). Claire Archer, a protagonista, é uma mulher casada que busca se libertar das condições sociais através da experimentação com novas formas de plantas e que é pressionada para deixar

seu trabalho em segundo plano. A revolta que ela sente contra a repressão de sua agência a leva a um comportamento “antinatural”, que culmina na rejeição de seu papel de esposa, amante e mãe “dedicada”. Ao final da peça, Claire comete o assassinato do homem que ama e opta mais ou menos conscientemente por enlouquecer. Esta, no entanto, não é uma visão satisfatória da obra, tampouco esgota suas análises possíveis. O risco que se corre ao fazer análises da peça é a limitação ao estudo da protagonista e sua loucura, como se a obra fosse apenas uma exposição da luta de Claire ou “um monólogo no deserto” (SANDER, 2007, p. 67). Claire não está sozinha no palco: embora menos interessantes e densas que a protagonista, as demais personagens são de extrema relevância. Além disso, a construção dos diálogos e o uso dos cenários e linguagem na obra são inovadores e revelam a influência do expressionismo alemão.

A peça é estruturada em três atos. O primeiro e o último possuem como cenário uma estufa, na qual Claire realiza seus experimentos, enquanto o segundo ato ocorre no cenário de uma torre ao lado da casa. Ambos os cenários representam espaços de uso exclusivo da protagonista. A descrição feita deles nas rubricas é igualmente relevante. Os cenários em *O Limiar*, como comenta Friedman (1984), possuem um aspecto marcadamente expressionista ao representarem os desejos e o estado mental de Claire (p. 76). O cenário da estufa é retratado como um laboratório, sob controle de Claire, e simboliza a busca da protagonista por libertação e oferece um prelúdio de suas ações posteriores. Já o cenário da torre materializa o estado psicológico de Claire: a torre é descrita como disforme e fora do padrão – aludindo ao não-conformismo, isolamento e angústia da personagem.

Em relação à linguagem na peça, pode-se afirmar que Glaspell também se utilizou de estratégias dramáticas provenientes do expressionismo para expressar a angústia

existencial de Claire. As alternâncias bruscas entre realismo e discurso simbólico no decorrer da peça levam a quebras formais e refletem uma tentativa de unir a discussão da vida cotidiana à análise mais profunda dos pensamentos de Claire. Também é importante observar que as falas da protagonista são em vários momentos marcadas por hesitação e pausas, o que deixa clara a sua perturbação e o desejo de explicar algo que vai além das palavras. E os seus monólogos em forma de poema explicitam a busca da protagonista por libertação formal até mesmo da linguagem.

Segundo Sander (2007), *O Limiar* foi considerado pela crítica da época de suas primeiras montagens como uma das peças mais radicais produzidas por Glaspell, sendo ela inovadora tanto em relação aos aspectos formais quanto à temática abordada. Também de acordo com esta autora, a peça foi mal compreendida na época de sua primeira produção: as ações da protagonista foram reduzidas a uma expressão patológica ou a algo inexplicável. Muitas das análises de críticos das poucas produções mais recentes também se mostraram superficiais, tendendo a apresentar a peça de forma literal ou resumir muitos de seus aspectos.

Certamente, Claire é uma personagem complexa. A protagonista possui mais de uma faceta, e todas merecem análise. Apresentada como uma mulher estadunidense de classe média vivendo no período pós-guerra conservador, ela demonstra um desejo grande de desenvolver seu poder criativo e é obcecada pela quebra de padrões aprisionadores. Seu raciocínio, longe de ser incompreensível ou insano, é perfeitamente lúcido. Claire por vezes utiliza uma linguagem irônica, e parece compreender o comportamento das demais personagens melhor do que elas mesmas. E, ao mesmo tempo em que expressa angústia e sofrimento, a protagonista revela sua força.

As demais personagens pressionam Claire para que se comporte como uma mulher “normal”. Isso a perturba profundamente, e ela reconhece que a sanidade como socialmente disposta exige conformidade. Ela testa os limites do padrão da sanidade e faz experimentos em sua própria vida. A protagonista toma seu hóspede como amante, renega sua filha violentamente e tenta construir um relacionamento com seu amigo Tom. Ao final, ela reconhece que esta personagem – que parecia ser quem melhor a compreendia – também desejava mantê-la presa ao desempenho do papel tradicional feminino. Ela então o mata, em um gesto bastante simbólico. Esta última transgressão a leva a atravessar o limiar da sanidade: Claire é vista pelos outros como estando além de qualquer salvação, e ela mesma pensa estar “fora”.

Em mais de um momento na peça, Claire deixa claro que a ruptura violenta é necessária para garantir que padrões já bem estabelecidos e estáticos sejam renovados. A protagonista não acredita que os papéis de gênero e os padrões de comportamento possam ser subvertidos e remoldados. Apenas a destruição deles possibilita o surgimento de algo novo. Claire tem uma visão bastante clara sobre as expectativas que recaem sobre ela. Ela compreende que, para ser considerada sã, deve expressar plena conformidade ao padrão de comportamento social feminino. Caso contrário, ela será “visitada por parentes” e pressionada – e de fato, isso ocorre no segundo ato. Claire também acredita que é através do rompimento completo que poderão surgir novas alternativas – que, no entanto, também deverão ser rompidas uma vez que se tornem padrões estáticos. Segundo Claire, esse é um ciclo inerente ao ato de criação.

Esta, então, é sua concepção de loucura: a destruição que abre espaço para que algo novo e vivo surja. Na visão da protagonista, a loucura se apresenta como “a única chance para a sanidade” (GLASPELL, 2003, p. 164). E nesse sentido, Claire é bastante

radical. Ela tenta romper com as demandas de seu papel de gênero e, como uma artista modernista, busca até mesmo se libertar das amarras formais da linguagem. No entanto, ela não possui poder institucional para mudar sua vida e construir uma outra existência. A sua libertação pela loucura se assemelha mais a uma forma de autopreservação, isolando-a permanentemente do mundo opressivo a seu redor.

Corajosamente a protagonista rompe, um por um, os laços que a prendem na sanidade – e que a identificam socialmente como mulher. Claire se nega a primar pelo bem-estar de seu marido e hóspedes e deixar, em uma demonstração tão feminina de desapego e sacrifício, que uma nevasca destrua todo o seu trabalho; ela renega sua filha, que foi incorporada plenamente à sociedade patriarcal e é mais uma representação da pressão sobre ela para que aceite o papel “natural” de mulher submissa; e, por final, ela se recusa a desistir de sua busca por libertação e submeter-se à vontade de Tom, e o mata a despeito do amor que sente por ele.

Claramente, nenhuma das ações de revolta de Claire torna-a livre. Seu comportamento a distancia ao máximo da instituição da sanidade, mas não abala a base da opressão patriarcal presente em sua vida. Ao tentar libertar-se das imposições da norma social e expressar-se através de suas ações iconoclastas, Claire é percebida pelas demais personagens como louca e perigosa, alguém que não pode mais ser “salva” devido à gravidade e extensão da sua revolta. A protagonista, por via dos seus atos de transgressão, coloca-se além do limiar da sanidade – o mais perto que ela como mulher conseguirá chegar de um estado de liberdade, pois a loucura é o único escudo que ela pode usar para tentar proteger-se da opressão patriarcal. Evidentemente, tal escudo não impedirá que seu marido a mande para um sanatório e que ela seja submetida a um tratamento humilhante e opressivo em um local como esse. Dessa forma, a insanidade de

Claire pode ser interpretada como o único mecanismo de defesa que possui. É apenas possível à protagonista manter sua integridade relativamente intacta através da loucura.

*O Limiar*, peça escrita há 96 anos, possibilita aos leitores e espectadores vislumbrar a expressão de uma experiência e perspectiva que ainda é bastante radical e não plenamente compreendida ou aceita. A recusa violenta de Claire em se conformar ao papel de gênero feminino a torna bem menos palatável que outras personagens femininas transgressoras. Claire não é uma esposa e mãe dedicada que decide abandonar a família quando não mais suporta continuar. Pelo contrário, a protagonista de *O Limiar* é uma mulher independente que se nega de maneira veemente a desempenhar um papel preestabelecido e estático, algo repulsivo e angustiante para ela.

É de extrema relevância discutir *O Limiar* de Glaspell e a representação da experiência de uma mulher como Claire Archer. O fato de que as últimas montagens receberam críticas mistas pode ser um sinal de que as temáticas discutidas na peça permanecem muito atuais. Até os dias de hoje, a noção da recusa de uma mulher em desempenhar seu papel de gênero ainda não é bem aceita: a sua revolta ainda é em muito patologizada e vista como irracional ou incompreensível. Há, talvez, um pouco mais de liberdade de expressão. No entanto, uma mulher que ousa deixar claro o que pensa sem amenizá-lo e se nega a fazer o que não acredita estar certo a despeito de sua socialização está sujeita a acusações de histeria e loucura.

*O Limiar* pode, portanto, proporcionar reflexões importantes acerca da experiência das mulheres em sociedade. Como escreveu Muriel Rukeyser (1996), a arte de uma forma geral prepara o público para a reflexão sobre sua realidade através da experiência com a obra. Nesse sentido, pode-se dizer que o contato com a peça de Glaspell, com sua transfiguração da realidade centrada em experiências vistas através da perspectiva

feminina, possui o potencial de conduzir a reflexões importantes acerca das vivências de homens e mulheres na sociedade americana da década de 1920. Des-cobrir a literatura de mulheres, afirmou Adrienne Rich (2001), significa trazer à tona uma porção valiosa de nosso passado e presente. Certamente, não existe uma experiência feminina universal: há várias. Porém, a representação de cada uma delas na literatura apresenta um detalhe novo que merece ser estudado e discutido. Espera-se que venha a crescer o interesse pelas obras de Susan Glaspell, que ainda não tem seu reconhecimento merecido. E é mais do que tempo de que sejam feitas montagens de suas peças em nosso país.

## Referências

- GAINOR, J. Ellen. *Susan Glaspell in context: American theater, culture, and politics, 1915-48*. Michigan: University of Michigan Press, 2007.
- FRIEDMAN, Sharon. Feminism as theme in twentieth century theater. *American Studies*, Kansas, 25 (1), p. 69-89, 1984.
- GLASPELL, Susan. *O teatro de Susan Glaspell: cinco peças*. Brasília: Embaixada dos Estados Unidos, 2003.
- RICH, Adrienne. *Arts of the possible*. New York: W. W. Norton, 2001.
- RUKEYSER, Muriel. *The life of poetry*. Nova Iorque: Paris Press, 1996.
- SANDER, Lucia V. *Susan e eu: ensaios críticos e autocríticos sobre o teatro de Susan Glaspell*. Brasília: Ed. UnB, 2007.

**Recebido em 26 de março de 2018.**

**Aceito em 8 de abril de 2018.**